

Corpo e movimento contra a redução da vida: caminhos metodológicos para a educação ambiental

Body and movement against the reduction of life: methodological paths for environmental education

Cuerpo y movimiento frente a la reducción de la vida: caminos metodológicos para la educación ambiental

Douglas Marques de ALMEIDA¹
Valéria Ghislotti IARED²

Submetido em: 29/07/2025

Aceito em: 01/09/2025

Publicado em: 30/09/2025

RESUMO

Este artigo discute a relação entre corpo, movimento e educação ambiental em meio ao contexto contemporâneo de crise ecológica e virtualização da vida. A partir de uma articulação teórico-filosófica com autores como Leff (2001), Tsing (2021), Le Breton (2011), Merleau-Ponty (1999) e Ingold (2016; 2020), defendemos a centralidade do corpo como potência de percepção, afeto e significação. Apresentamos a proposta metodológica de pesquisa Estudo Móvel, que investiga o caminhar como prática estética, sensorial e metodológica em educação ambiental. Por meio da experiência da caminhada, buscamos compreender como a mobilidade

¹ Universidade Federal do Paraná.

² Universidade Federal do Paraná.

e os sentidos podem mediar processos formativos que ressignifiquem a relação entre seres humanos e natureza.

Palavras-chave: Caminhar; Corpo; Educação Ambiental; Estética; Movimento.

ABSTRACT

This article discusses the relationship between body, movement, and environmental education in the contemporary context of ecological crisis and the virtualization of life. Drawing on a theoretical-philosophical articulation with authors such as Leff, Tsing, Le Breton, Merleau-Ponty, and Ingold, we defend the centrality of the body as a power of perception, affect, and meaning. We present the research methodological proposal Mobile Study, which investigates walking as an aesthetic, sensory, and methodological practice in environmental education. Through the experience of walking, we seek to understand how mobility and the senses can mediate formative processes that redefine the relationship between humans and nature.

Keywords: Aesthetics; Body; Environmental Education; Movement; Walking.

RESUMEN

Este artículo analiza la relación entre cuerpo, movimiento y educación ambiental en el contexto contemporáneo de crisis ecológica y virtualización de la vida. A partir de una articulación teórico-filosófica con autores como Leff, Tsing, Le Breton, Merleau-Ponty e Ingold, defendemos la centralidad del cuerpo como potencia de percepción, afecto y significado. Presentamos la propuesta metodológica de investigación Estudio Móvil, que investiga la caminata como práctica estética, sensorial y metodológica en educación ambiental. A través de la experiencia de caminar, buscamos comprender cómo la movilidad y los sentidos pueden mediar en procesos formativos que redefinen la relación entre los seres humanos y la naturaleza.

Palabras clave: Caminar; Cuerpo; Educación Ambiental; Movimiento.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o contexto de crise ambiental vem sendo associado ao estabelecimento de relações socioambientais desiguais, aprofundadas ao redor do mundo por meio de sistemas políticos, econômicos e culturais globalizantes. Este cenário foi responsável pela progressiva desintegração da relação humano-natureza e segue produzindo enquadres que autoras como Anna Tsing nomeiam de Antropoceno.



Com a “intensificação dos projetos imperiais e industriais humanos, que destroem a habitabilidade da Terra”, torna-se cada vez mais urgente o amadurecimento de estratégias de enfrentamento a esta relação destrutiva com o ambiente (Tsing, 2021, p.177). Para Enrique Leff, sociólogo que mobiliza reflexões acerca da crise da civilização e da modernidade, a atual problemática ambiental surge como sintoma ao modo que a sociedade conhece, compreende e transforma o mundo.

Segundo o autor, a problemática ambiental nos impõe a necessidade de criar uma consciência a respeito de suas causas e de suas vias de resolução, nos convidando a refletir sobre “como superar a racionalidade da modernidade e assim construir novos modos de conceber e nos relacionar com o mundo” (Leff, 2001, p. 255).

No âmbito da elaboração de respostas e sensibilidades a esta crise emerge o campo da educação ambiental, constituído de um universo de práticas educativas orientadas para a reflexão e transformação das relações humano-natureza. Trata-se de uma dimensão da educação que atua na sensibilização dos sujeitos para o contexto de crise e na busca pela transformação de atitudes e comportamentos que promovam a subsistência da vida humana e mais-que-humana³.

Pelo caráter multidisciplinar, constitui-se um campo de investigação diverso e conectado a uma rede de problemáticas que perpassam aspectos sociais, ecológicos, éticos, estéticos e políticos. Nesse sentido, os estudos e práticas em educação ambiental, para alcançar uma efetiva transformação da realidade, vêm trabalhando pelo desenvolvimento e enriquecimento de qualidades humanas, como subjetividade, imaginação, criatividade, experiência e construção de significados.

³ O termo elaborado pelo filósofo David Abram busca articular a ampla comunidade de vida na Terra com um universo que inclui a cultura humana, mas que também excede tal cultura. Busca nos lembrar que estamos inseridos num cosmos que não criamos, não controlamos e que necessariamente supera todo o nosso conhecimento.

Tais práticas educativas, ancoradas nas dimensões ético~estético~políticas, tornam a educação ambiental “um campo de disputa de concepções e interesses sociais, portanto, um campo político” (Carvalho, 2012, p.13).

Neste artigo, procuramos refletir a respeito da condição do corpo em meio a crise socioambiental contemporânea e as implicações da educação ambiental como estratégia teórico-prática para a promoção da vida, apresentando novas articulações teóricas que enfatizam o corpo como campo criador de sentidos.

2 CORPO: MATERIALIDADE GERADORA DE VIDA E CULTURA

Em meio às discussões sobre a forma como a sociedade atual se relaciona culturalmente com o ambiente, autores contemporâneos têm defendido a materialidade orgânica do corpo como estratégia de resistência aos processos de redução, degradação e virtualização da vida.

Jocimar Daolio e Odilon Roble no texto intitulado “Do corpo virtual ao corpo identitário” (2006), argumentam que a materialidade corpórea pode e deve contrapor ao que chamam de “processo de virtualização corporal”. Segundo os autores, o desenvolvimento tecnológico e cultural próprio da supermodernidade têm provocado significativas transformações nas noções de tempo e espaço e assim promovido novas realidades corporais:

Tomemos como centro de nossa reflexão o corpo em suas dimensões de tempo e espaço, observando o movimento como expressão desse corpo nesta relação temporal e espacial. Sabemos que os meios de comunicação sofreram grandes transformações nas últimas décadas e podemos compreender como estas mudanças provocam novas realidades corporais. Estamos vivendo o limiar de uma transformação do corpo no qual o caráter identitário deste, ainda que não abandonado, estaria sendo substituído pela sua virtualização (Roble, Daolio, 2006, p.220).

A partir destas novas realidades virtuais, as nossas relações com o mundo têm sido, em grande parte, mediadas por uma realidade não-corpórea, o que estaria



dissociando corpo e experiência, promovendo a multiplicação de modelos de corpos e condutas corporais e assim reduzindo e empobrecendo a subjetividade da vida humana.

Estar atento ao processo de virtualização do corpo é extremamente importante e, segundo os autores, envolve a percepção das sutis transformações que nos distanciam de uma relação orgânica com o mundo:

A complexidade do presente faz do excesso a modalidade essencial da supermodernidade. O tempo parece sobrecarregado de acontecimentos e as distâncias espaciais se achatam pelos meios rápidos de transporte. O excesso de informação oferece-nos mais oportunidades do que as que podemos aproveitar e nossa inevitável sensação é a de que temos que acelerar nossas ações, fazer mais coisas de cada vez, dar conta de tudo o tempo todo (Roble, Daolio, 2006, p.224).

Diante dos excessos da vida contemporânea, o autor também conduz sua reflexão para a cultura e os impactos da supermodernidade ao corpo e aos processos educativos. No texto “Da cultura do corpo”, Jocimar Daolio (2022) busca dar centralidade ao conceito de cultura e aproximá-lo da prática do professor. Segundo ele, a prática do professor de educação física, para além de operacionalizar conteúdos relacionados ao corpo e ao movimento, trata-se de uma prática cultural, pois:

Quando os professores planejam suas aulas e quando as operacionalizam cotidianamente, não estão somente colocando em prática conteúdos ou visões de área e currículo escolar. Estão atuando como seres de cultura, situados e imersos nessa dinâmica, com valores, princípios, preconceitos, crenças, lembranças, visões de mundo, expectativas, possuindo, portanto, um papel social (Daolio, 2022, p.233).

Nesse contexto, ao considerar os objetivos e o compromisso da educação ambiental, argumentamos pelo caráter ético~estético~político dessas práticas, uma vez que promovem “o desenvolvimento de sensibilidades e a valorização da

natureza enquanto um bem estético e cultural essencial para a manutenção e qualidade da vida” (Carvalho, 2012, p.10).

Com as reflexões acerca da pesquisa em educação ambiental, Isabel Carvalho busca compreender os fios de tensão que atravessam a temática e aponta que ao descrever o campo de estudo: “não busca cristalizar um único cenário para a educação ambiental, mas problematizar seu horizonte de possibilidades, estando sempre aberta novas perspectivas” (Carvalho, 2012, p.17).

Assim, ainda que as reflexões levantadas por Daolio e Roble (2006) estejam voltadas ao universo das práticas da educação física, são significativas para que possamos tecer estratégias frente à crise que atravessamos e podem, com o argumento pela valorização do corpo nos processos educativos, contribuir para a ampliação do entendimento do que pode ser pesquisa em educação ambiental.

3 MOBILIDADE COMO ELEMENTO DE CONTRAPOSIÇÃO À SUPERMODERNIDADE

Dentre inúmeras implicações da supermodernidade ao universo do corpo e das práticas corporais, podemos observar que a estética do excesso e a virtualização dos corpos e espaços têm acentuado a separação entre corpo e mente, razão e emoção, cultura e natureza.

Para Le Breton (2003), a realidade não-corpórea, própria do corpo supermoderno, dissocia corpo e experiência, fazendo a relação com o mundo perder o seu caráter real. Segundo ele, em um mundo em que as fronteiras se misturam e em que o corpo se apaga “sem outro toque além do toque do teclado e sem outro olhar além do olhar na tela, o corpo deixa de se impor como materialidade e como identidade” (Breton 2003, p.142).

Uma vez que compreendemos que nossa forma de perceber e agir no mundo emerge por meio de nossas capacidades sensório-motoras e diante de uma

condição humana cada vez mais virtualizada, com pouca mobilidade, novas metodologias de pesquisa no campo das ciências humanas e sociais, os estudos móveis, têm apontado a mobilidade e o caminhar como elementos centrais na interpretação fenomenológica da experiência humana com o mundo.

Em "Walkscapes: o caminhar como prática estética", Francesco Careri (2013) nos recorda que a história da origem da humanidade é uma história do caminhar, uma história de intercâmbios culturais ao longo de trajetos caminhados. Segundo o autor, o ato de caminhar, orientar-se, perder-se, errar, vagar "trata-se de uma forma simbólica de existência que tem permitido com que a humanidade habite o mundo" (Careri, 2013, p.27).

O movimento do corpo que envolve a atenção ao espaço, o balanço dos braços, um passo seguido de outro, simboliza para a vida dos indivíduos a possibilidade de corresponder ao mundo, de participar de interações sociais e culturais. Desse modo, o caminhar pode ser entendido como um comportamento cultural que proporciona acesso a sensações, emoções e significados importantes para a compreensão da relação do indivíduo e o seu meio.

Em "Elogio del caminar", Le Breton (2011) argumenta que diante de uma condição humana primordialmente sentada ou com pouca mobilidade, a caminhada representa uma experiência sensorial total em que o sujeito que caminha "participa com sua carne das pulsações do mundo" (Le Breton, 2011, p. 20).

Em diálogo, os antropólogos Tim Ingold e Sarah Pink têm sido responsáveis por aproximar a mobilidade da pesquisa em antropologia, apontando para caminhos metodológicos de investigação que denominamos *Walking Ethnography* and *Sensory Ethnography*. Em seus trabalhos, os autores argumentam pela construção de métodos de pesquisa que considerem a mobilidade e multisensorialidade como forma de acessar, de maneira mais profunda, o modo como as pessoas vivenciam e significam o ambiente.

Na obra “Antropologia e/como Educação”, Ingold (2020) defende uma pedagogia no sentido da exposição. Para ele, a educação é fundamentalmente sobre atenção e não sobre transmissão, pois “a atenção educa expondo-nos ao mundo, deixando-nos entrar” (Ingold, 2020, p.53).

Desse modo, o movimento toma lugar central na reflexão de Ingold pela compreensão de que é a mobilidade o elemento que proporciona o encontro do sujeito com o mundo. Considerando o exemplo do sujeito que caminha, o autor argumenta que andar é em si um hábito de pensar e responder ao ambiente: “para sermos abertos ao mundo, é preciso tornar-se responsivo, enquanto ando, devo ajustar meu pé ao terreno, submeter-me aos elementos de incerteza apresentados pelo caminho” (Ingold, 2020, p.43).

Tal perspectiva, de primazia ao movimento, apoia-se na concepção de Merleau-Ponty sobre a fenomenologia da percepção. Para Merleau-Ponty (1999), desaprendemos a conviver com a realidade corpórea e com a experiência dos sentidos, pois privilegiamos uma razão sem corpo. Nóbrega (2008) ao dialogar com o pensamento de Merleau-Ponty aponta que “é preciso enfatizar a experiência do corpo como campo criador de sentidos, pois a percepção trata-se de um acontecimento da corporeidade” (Nóbrega, 2008, p. 142).

Ao incorporar o movimento e a percepção sensorial nas pesquisas qualitativas, abrimos espaço para a produção de afetos e para o acesso a significados mais profundos nas interações entre indivíduos e seu meio, especialmente em contextos naturais e urbanos.

Trabalhos como “*Walking Ethnography* e Entrevistas na análise de experiências estéticas no Cerrado”, de Valéria Iared e Haydée Torres de Oliveira (2018) e Vivenciando paisagens e lugares: O caminhar como a arte de habitar a cidade, de Lahys Barros Alves e Luiz Monte (2019), exemplificam o desenvolvimento destes conceitos e a aproximação entre o ato de caminhar e o de pesquisar.



No primeiro estudo, o foco está na compreensão das práticas sensoriais e corporais em relação ao Cerrado. O estudo comparou duas técnicas — entrevistas e *walking ethnography* — mostrando que elas oferecem perspectivas complementares. Enquanto as entrevistas deram prioridades à memória e ao envolvimento ético-político dos participantes com o Cerrado, a *Walking Ethnography* revela práticas corporais que permitiram a observação direta das respostas afetivas à experiência estética.

No segundo estudo, o caminhar é encarado como um método de apreensão estética da vivência urbana e a prática da deriva permite que o acaso desempenhe um papel central, proporcionando experiências únicas. Neste trabalho, os autores defendem que o caminhar afetivo enriquece a compreensão sobre os espaços urbanos e que também serve como uma forma de resistência ao urbanismo massificador e alienante contemporâneo.

De tal forma, entendemos que esta abordagem representa uma maneira de desacelerar o ritmo imposto pelas dinâmicas sociais contemporâneas e de ressignificar nossa relação com o ambiente, transformando o caminhar em uma experiência poética e afetiva que aproxima a dimensão racional, corporal, emocional. Tais premissas têm sido fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, oferecendo reflexões valiosas sobre a construção da metodologia a ser apresentada no próximo tópico.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Com base na articulação apresentada, buscamos situar brevemente o universo de discussão em torno da pesquisa de mestrado intitulada Estudo Móvel: o caminhar como prática estética na educação ambiental. O estudo está em desenvolvimento pela autora e autor deste artigo, ambos vinculados ao Grupo de



Pesquisa em Educação Ambiental e Cultura da Sustentabilidade (GPEACS UFPR) e ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE UFPR).

A pesquisa, aprovada em Comitê de Ética para Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais da UFPR, sob número de parecer 6.917.258, procura estabelecer uma relação entre a educação ambiental e os estudos móveis, tendo como objetivo principal investigar como o caminhar, enquanto uma prática estética e metodológica em educação ambiental, pode ser afetivamente significativo para o aprofundamento das relações mais~que~humanas, capaz de provocar deslocamentos subjetivos e epistemológicos.

O tema do estudo surge dos diálogos oportunizados pelo grupo de pesquisa GPEAS e também do interesse da autora e autor por ampliar o horizonte de possibilidades para a pesquisas em educação ambiental, articulando novos caminhos metodológicos para o estudo através de uma aproximação teórico-filosófica com o campo da fenomenologia.

A partir de um resgate sobre o campo da pesquisa em educação ambiental, entendemos que tais práticas apresentam um amplo histórico associado ao enfrentamento das questões ambientais, embora pouco tenham se aproximado de compreender a relação humano-natureza de uma forma mais profunda, por meio dos afetos e da percepção sensorial.

Para Bernard Charlot (2020) a educação ambiental possui um papel estratégico na redefinição de nossa forma de nos relacionar com o mundo e, portanto, deve ser pensada enquanto um “amplo projeto antropológico contemporâneo” que reconheça nossa responsabilidade histórica sobre o contexto de crise ambiental e que inspire novas formas de tratar o planeta.

Assim, por compreendermos que o afeto é relevante para a construção de valores e significados, argumentamos a favor de uma educação ambiental “que introduza o humano como centro de sua reflexão pedagógica” (Charlot, 2020, p.15). Nesse sentido, propomos o caminhar como uma via de acesso às interpretações



fenomenológicas sobre a experiência humana com o mundo, convidando os participantes da pesquisa ao movimento e à atenção aos seus corpos enquanto veículos de percepção sobre a maneira que são afetados pela experiência do caminhar.

De acordo com o autor Jorge Larossa (2002, p.25), o sujeito da experiência é aquele que está aberto à sua própria transformação, aquele que está “potencialmente sujeito a criação e resignificação de seus valores e atitudes”. Assim, a experiência estética é aqui entendida como o fenômeno que nos atravessa, nos afeta e, portanto, faz parte de nossa formação subjetiva.

A pesquisa contará com a participação de cinco alunos vinculados à disciplina Corpo, Lazer e Cidade, ofertada no primeiro semestre de 2024 pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE UFPR) à nível de mestrado e doutorado. Enquanto um estudo em educação ambiental que busca pela reflexão e transformação de valores e atitudes, é relevante para nossos objetivos compreender como esse público se relaciona com as questões ambientais, quais são suas experiências com a natureza e como tais experiências estão e se estão expressas em suas práticas pedagógicas e de pesquisa.

Inspiradas nas reflexões de Tim Ingold, neste estudo as entrevistas acontecem em movimento, ao longo de caminhadas por lugares estratégicos da cidade de Curitiba, passando por ambientes naturais e urbanizados da cidade. Com esses momentos, buscamos compreender como tais mestrandos e doutorandos percebem e se relacionam com a natureza da cidade através de seus corpos em movimento, dando atenção às memórias, sentimentos e sensações despertadas pela experiência estética do caminhar.

Estas caminhadas são mediadas pelo Jogo Errante, uma estratégia metodológica inspirada em vivências de jogos teatrais, que proporciona uma experiência de ação, de reflexão e de sentir, evidenciando o corpo do pesquisador e participante em experiência.



Sendo o objetivo do jogo mediar a experiência do caminhar e proporcionar a atribuição de significados, buscamos com o Jogo Errante uma aproximação com o termo errância, apresentado por Francesco Careri em “*Walkscapes: o caminhar como prática estética*” (2013). Na obra, o autor aponta o caminhar como uma forma simbólica de experiência que tem permitido ao ser humano habitar o mundo e a errância, termo associado ao nomadismo, como uma “inscrição do ser humano na paisagem, que implica a transformação do lugar, do sujeito e de seus significados” (Careri, 2013, p.51)

A dinâmica, enquanto um jogo, conta com os seguintes elementos: preparação, regras, objetivos e instruções. Na preparação, o jogo é contextualizado e as regras descritas. As regras determinam que as cartas devem ser sorteadas aleatoriamente e lidas pelo pesquisador e participante. Após a leitura, as cartas que foram sorteadas devem ser retiradas do baralho a fim de evitar a repetição de instruções. Pesquisador e participante, ambos imbricados com a experiência, possuem autonomia para estabelecer acordos quanto à realização ou não de alguma das ações propostas pelo jogo.

São exemplos de instruções do jogo: siga o percurso descalços; sinta com os pés as texturas da cidade; siga em silêncio; procure pelo rio mais próximo de onde você se encontra, observe-o por alguns minutos; sinta o espaço a sua volta com o seu corpo; perceba o que o seu corpo está sentindo; observe e reconheça elementos naturais no ambiente que você se encontra; sinta o seu esqueleto se movimentando; mantenha o movimento; acelere o movimento; mude a direção do percurso; ouça os sons ao seu entorno; permita que o ambiente a sua volta apresente-se a você; focalize suas sensações; preste atenção nas memórias que são resgatadas ao longo da caminhada; se mantenha presente; veja a si mesmo em ação, etc.

O jogo é inspirado em experiências de jogos teatrais, tendo como referência conceitual a obra “Jogos Teatrais Na Sala de Aula”, de Viola Spolin (2007), que nos

apresenta novas formas de integrar estética e processo educativo, propondo uma interlocução entre corpo e mente, movimento e reflexão.

A análise e tratamento dos dados levantados e registrados ao longo das caminhadas serão realizados em consonância ao referencial teórico-metodológico, apoiados na técnica de Análise Textual Discursiva, que exige do pesquisador um “mergulho no profundo nos dados, assumindo-se enquanto sujeito e assim assumindo suas próprias interpretações sobre o estudo”, um movimento hermenêutico de qualificação dos resultados (Moraes; Galianzi, 2006, p. 122).

Ao valorizar o corpo e propor o caminhar como prática metodológica e estética, tal investigação desafia a visão tradicional dicotomia entre corpo e mente, razão e emoção, cultura e natureza. Essa abordagem possibilita a criação de novas formas de se relacionar com o mundo, instigando como a educação ambiental pode considerar o afeto e a experiência sensorial como centrais na formação de valores e atitudes mais conectadas ao ambiente natural e à realidade das problemáticas associadas à contemporaneidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, revisitamos a discussão sobre a crise ambiental contemporânea, suas raízes e impactos à desintegração da relação humano-natureza. Com base em autores como Anna Tsing e Enrique Leff, discutimos a urgência de estratégias de enfrentamento a essa desconexão, propondo uma discussão em torno da educação ambiental como um campo de práticas voltadas à reflexão e transformação dessas relações e sobretudo à promoção da vida.

Considerando que o desenvolvimento tecnológico e a estética do excesso teriam afastado o corpo de sua experiência sensorial direta com o mundo, trazemos à discussão autores como Daolio (2022) e Roble (2006) que argumentam pela



materialidade do corpo como possibilidade de resistência aos processos de virtualização da vida.

A supermodernidade e seus impactos na mobilidade corporal também foram abordados. Autores como Le Breton (2011) e Careri (2013) destacam o caminhar como uma prática estética e fenomenológica que proporciona uma reconexão sensorial com o mundo. A mobilidade, nesse contexto, contrasta com a virtualização do corpo e oferece uma alternativa para reaproximar o indivíduo ao ambiente físico e às suas experiências sensoriais.

No campo das práticas educativas, o corpo é apresentado não apenas como objeto de ensino e aprendizagem, mas como agente cultural e político, com potencial para a transformação da realidade.

A partir da articulação teórica, apresentamos a construção metodológica da pesquisa de mestrado intitulada Estudo Móvel: o caminhar como prática estética na educação ambiental. O estudo busca compreender como a mobilidade e o contato físico com o espaço natural ou urbanizado pode afetar emocionalmente e sensorialmente os participantes, promovendo novas formas de perceber e se relacionar com o ambiente.

A metodologia inclui caminhadas mediadas por um jogo interativo que estimula a atenção sensorial e a ressignificação da experiência. A pesquisa destaca a importância de incluir o corpo e os sentidos nos processos de ensino e aprendizagem em educação ambiental, propondo que o caminhar pode promover a reflexão crítica sobre os contextos de crise ambiental, bem como incentivar práticas pedagógicas mais sensíveis.

Assim, a abordagem fenomenológica apresentada busca integrar corpo, mente e ambiente em uma experiência que ultrapassa a pesquisa teórica e insere a mobilidade como elemento central na construção de novas formas de perceber e interagir com o ambiente e principalmente, de fazer pesquisa. Ao ampliar as possibilidades educativas para além do modelo tradicional, essas pesquisas



oferecem direções para práticas que integrem o pensamento crítico, a experiência sensível e a ação transformadora.

Nesse contexto, o interesse pela etnografia sensorial e o caminhar como metodologia enfatiza o compromisso em fazer da pesquisa um processo dinâmico de construção de conhecimento, capaz de refletir a visão de mundo das pessoas envolvidas com a pesquisa, dialogar com suas subjetividades e abrir espaço para que novas compreensões sobre o mundo possam reverberar, ressignificando a forma de nos relacionar com a vida e com o processo de investigação.

REFERÊNCIAS

BONDIA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.

Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CARVALHO, I.C.M. A questão ambiental e a emergência de um campo de ação político-pedagógica (7a. ed.). In: Loureiro, Carlos Frederico; Layrargues, Philippe Pomier; Castro, Ronaldo de Souza. (Org.). **Sociedade e Meio Ambiente**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012, v. 1, p. 55-69.

CHARLOT, B. A educação ambiental na sociedade contemporânea: bricolagem pedagógica ou projeto antropológico. **Pesquisa em Educação Ambiental**. Rio Claro, v. 15, n.1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/2177-580X.2020-15124>. Acesso em: 23 jul. 2024.

DAOLIO, J. “Da Cultura do Corpo”: 30 anos depois. MOTRICIDADES: **Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, São Carlos, v. 6, n. 3, p. 229–235, 2022. DOI: 10.29181/2594-6463-2022-v6-n3-p229-235. Disponível em: <https://doi.org/10.29181/2594-6463-2022-v6-n3-p229-235>. Acesso em: 23 jul. 2024.

IARED. V; OLIVEIRA, H. Walking ethnography e entrevistas na análise de experiências estéticas no Cerrado. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.44, 2018.



Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201706161972> . Acesso em: 28 ago 2024.

INGOLD, T. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

INGOLD, T. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, v.39, n.3, p.404-411, 2016.

ALVES, L; MONTE, L. Vivenciando paisagens e lugares: O caminhar como a arte de habitar a cidade, In: Imaginário: Construir e Habitar a Terra - ICHT 2019, São Paulo, 2019.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.

LE BRETON, D. **Elogio del caminar**. Madrid: Ediciones Siruela, 2011.

LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, R; GALIAZZI, M.C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v.12, n.1, p. 117-128, 2006.

NOBREGA, T. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de psicologia**, v.13, n.2, p.141-148, 2008.

ROBLE, O.J.; DAOLIO, J. “Do corpo identitário ao corpo virtual: algumas implicações para a Educação Física”. **Pro-posições**, Campinas, v.17, n.1, p.217-226, 2006.

SPOLIN, V; KOUDELA, I.D. **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PINK, S. **Doing sensory ethnography**. Los Angeles: Sage, 2009.

TSING, A. O antropoceno mais que humano. **Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176–191, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e75732> . Acesso em: 23 jul. 2024.

